

Os Contabilistas como Agentes de Literacia Financeira dos Empresários de PME

Accountants as Financial Literacy Agents for SME Entrepreneurs

Ana R. Caldas ¹

Filomena A. Brás ²

Resumo

Este estudo pretende analisar de que forma os contabilistas contribuem para a literacia financeira dos empresários de Pequenas e Médias Empresas (PME), tendo sido definidos três objetivos específicos: identificar as maiores carências de conhecimentos financeiros percebidas pelos contabilistas acerca dos empresários de microentidades e PME; determinar os conhecimentos que os contabilistas consideram essenciais para uma melhor gestão das PME e perceber que estratégias são seguidas pelos contabilistas para apoiar e desenvolver o conhecimento financeiro das PME. Para atingir estes objetivos, o estudo seguiu uma abordagem qualitativa, tendo sido realizadas 17 entrevistas a técnicos de contabilidade e contabilistas certificados que são responsáveis pela contabilidade destas organizações. Os resultados evidenciam que os contabilistas consideram que os empresários possuem uma reduzida literacia financeira, o que afeta negativamente a gestão da empresa. Para além disso, as suas principais dificuldades estão relacionadas com a compreensão do sistema fiscal português, bem como com a interpretação das Demonstrações Financeiras. Os contabilistas defendem que o empreendedor deveria dominar uma série de conhecimentos financeiros, sugerindo que devia ser obrigatório a frequência de uma ação de formação prévia à criação de empresa, que contribuem para a promoção da literacia financeira dos seus clientes, ainda que inconscientemente, na medida em que lhes esclarecem todas as dúvidas e os mantêm atualizados de todas as alterações que possam surgir e afetar o negócio deles.

Palavras-chave: Contabilidade, Contabilistas, Literacia Financeira, PME, empresários, empreendedores.

Classificação do artigo: Artigo de investigação.

¹ University of Minho, pg48824@alunos.uminho.pt

² University of Minho, JusGov - Research Centre for Justice and Governance, filomena@ceg.uminho.pt

Abstract

This study aims to examine the role of accountants in enhancing the financial literacy of SME entrepreneurs. We defined three specific objectives: to identify the greatest financial knowledge gaps perceived by accountants regarding SME entrepreneurs; to determine the knowledge that accountants consider essential for better managing SMEs; and to understand which strategies accountants follow to support and develop the financial knowledge of SMEs. We employed a qualitative approach, conducting 17 interviews with accounting technicians and certified accountants responsible for the accounting of SMEs. The results show that accountants consider SME entrepreneurs to have low financial literacy, which negatively affects the company's management. In addition, their main difficulties are understanding the tax system and interpreting the Financial Statements. Accountants argue that entrepreneurs should master a set of financial skills, suggesting that it should be mandatory to attend training courses prior to setting up a company. They contribute to promoting the financial literacy of their clients, even if unconsciously, as they clarify all their doubts and keep them updated on any changes that may arise and affect their business.

Keywords: Accounting, Accountants, Financial Literacy, SMEs, Businessmen, Entrepreneurs.

Classification Type: Research Paper.

Received on: 2025.07.11

Approved on: 2025.09.14

Evaluated by a double blind review system

Introdução

O tema da literacia financeira tem vindo a crescer de importância, até mesmo nas redes sociais. Vários estudos abordam a importância da literacia financeira e as estratégias que devem ser implementadas no ensino para que as gerações futuras sejam financeiramente letradas (Duarte, 2018). De forma a aumentar a literacia financeira da população portuguesa têm sido desenvolvidas várias atividades nos últimos anos: a Caixa Geral de Depósitos, com a criação do portal “Saldo Positivo”³, o Banco de Portugal com o “Portal Todos Contam”⁴, que se destina à população em geral, mas criou também um referencial específico para as empresas. Também o Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação (IAPMEI) criou a “Academia PME”⁵ que tem como objetivo capacitar para acelerar o futuro das Pequenas e Médias Empresas (PME⁶).

Nos últimos anos, o Estado português tem-se mostrado preocupado com a literacia financeira da população, inclusive a dos gestores de PME, e as medidas tomadas têm por base as indicações emitidas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). No seguimento destas recomendações, em 2011, foi criado o Plano Nacional de Literacia Financeira. Inicialmente, a preocupação estava focada na literacia financeira das crianças, dos jovens e dos adultos, mas em 2016 o Plano passou a integrar um Referencial de Formação Financeira para PME, em parceria com o IAPMEI e o Turismo de Portugal. Passados 10 anos da criação desse Plano foram definidas linhas de orientação para o quadriénio 2021-2025, que se encontra em vigor, e cuja linha de ação 5 destina-se especificamente às PME (Conselho Nacional de Supervisores Financeiros, 2021).

Em 2021, no âmbito do Plano Nacional de Formação Financeira, foi realizado um inquérito *online* destinado aos empresários portugueses de PME, em que se relacionava a capacidade para enfrentar as adversidades impostas pela Covid-19 e pela guerra entre a Rússia e a Ucrânia com os seus níveis de literacia financeira. A amostra foi constituída por 1,541 empresários. Os resultados do inquérito revelam que mais de metade dos inquiridos recorrem aos contabilistas antes de tomarem decisões financeiras. Também mostram que os níveis de literacia financeira são maiores em empresários de pequenas empresas comparativamente aos empresários de microempresas, e que os que possuem empresas com um elevado volume de negócios têm também uma maior tendência para apresentar níveis de literacia financeira mais elevados. Por fim, mostram, também, que a maioria das dúvidas que os empresários têm estão relacionadas com a contabilidade e com os impostos. Os resultados demonstram que a probabilidade do efeito da pandemia na empresa ter sido negativo é menor quando os empresários revelam maiores níveis de literacia financeira. O que acontece muitas vezes é que, quando os empresários de PME estão com alguma dificuldade na tomada de decisão financeira, recorrem aos serviços de

³ <https://www.cgd.pt/Site/Saldo-Positivo/Pages/Saldo-Positivo.aspx>

⁴ <https://cliente bancario.bportugal.pt>

⁵ <https://academiapme.iapmei.pt>

⁶ O termo PME é utilizado neste artigo incluindo as microentidades.

um contabilista para esclarecer as suas questões, ajudando-os a aumentar o seu nível de literacia financeira (Conselho Nacional de Supervisores Financeiros e Ministério da Economia e do Mar [CNSFMEM], 2022).

Face ao exposto este estudo tem como questão de partida “Como os contabilistas contribuem para a literacia financeira dos empresários de PME?”. Como objetivo geral, este estudo pretende analisar de que forma os contabilistas promovem a literacia financeira dos empresários de PME. Os objetivos específicos passam por identificar as maiores carências de conhecimentos financeiros percebidas pelos contabilistas acerca dos empresários de PME; determinar os conhecimentos que os contabilistas consideram essenciais para uma melhor gestão das PME; e perceber que estratégias são seguidas pelos contabilistas para apoiar e desenvolver o conhecimento financeiro das PME.

Este estudo visa contribuir para a literatura na área, apresentando evidências empíricas relativas a Portugal que é um dos países onde a literacia financeira da população é menor (European Commission, 2023). Os estudos existentes relacionam a falta de literacia financeira dos portugueses com lacunas no ensino obrigatório, mas, para além das melhorias no ensino, não existem muitos estudos que sugiram outras formas de aumentar a literacia financeira da população portuguesa. Assim, espera-se contribuir para que exista uma melhor compreensão da forma como os contabilistas têm um papel importante na promoção da literacia financeira daqueles a quem prestam serviços. Esta análise poderá ainda contribuir para que o gabinete de contabilidade de acolhimento tenha uma maior consciência do impacto do seu trabalho e das estratégias que poderá desenvolver para que a literacia financeira dos seus clientes se desenvolva.

Depois de apresentar o contexto do problema que se pretende estudar, apresenta-se o conceito de literacia financeira e o seu impacto na gestão de PME, bem como os conhecimentos considerados necessários para uma boa gestão de PME, e a ligação do contabilista à literacia financeira do gestor de PME. De seguida apresenta-se a metodologia seguida no estudo empírico, os resultados obtidos e sua discussão. Por fim, apresentamos as conclusões.

1. Revisão de literatura

1.1. Conceito de Literacia Financeira

Literacia é um conceito amplo que envolve um processo contínuo de aprendizagem, fazendo com que os indivíduos alcancem os seus objetivos, desenvolvam o seu conhecimento, as suas potencialidades e participem de forma plena na comunidade e de forma mais ampla na sociedade (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [UNESCO], 2005).

Apesar de vários investigadores se dedicarem ao estudo da literacia financeira, poucos são os que se dedicam a explorar a definição deste conceito, o que faz com que não exista um conjunto de fatores que distingam uma pessoa financeiramente letrada de uma financeiramente iletrada, nem haja acordo quanto à medição do nível de literacia

financeira (Huston, 2010).

Em 2012, a OCDE definiu a literacia financeira dos adultos como sendo uma combinação de consciência, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos necessários para tomar decisões financeiras e, em última análise, alcançar o bem-estar financeiro individual (Atkinson & Messy, 2012). Deste modo, a literacia financeira assenta em três pilares fundamentais, o conhecimento, o comportamento e a atitude (Atkinson & Messy, 2012). O conhecimento financeiro permite aos indivíduos ajudá-los a comparar produtos e serviços financeiros e tomar decisões financeiras apropriadas e informadas. O comportamento financeiro é o fator que tem maior importância na determinação do nível de literacia financeira pela OCDE, pois considera que alguns comportamentos, tais como não poupar dinheiro ativamente, adiar o pagamento de contas, deixar de planear as despesas futuras ou escolher produtos financeiros sem fazer contas, pode impactar negativamente a situação financeira e o bem-estar do indivíduo. Deste modo, o comportamento financeiro diz respeito às habilidades práticas necessárias para gerir as finanças pessoais.

Enquanto Lusardi (2008) apresenta apenas os conhecimentos necessários para se ter literacia financeira, Lusardi e Mitchell (2014) definem literacia financeira como a capacidade para tomar decisões informadas relacionadas com planeamento financeiro, acumulação de riqueza, dívida e pensões. Assim, para Lusardi e Mitchell (2014), a literacia financeira já não envolve apenas a presença de conhecimentos, mas também a capacidade para os aplicar. Por isso, Batsaikhan e Demertzis (2018) consideram que ter conhecimentos das áreas de economia, estatística e numeracia, e a capacidade para aplicar esses conhecimentos na tomada de decisão é possuir literacia financeira.

Em 2020, literacia financeira é definida por Muñoz-Murillo et al. (2020) como a capacidade para aplicar os conhecimentos financeiros básicos depois de os ter adquirido. No entanto, apesar de vários autores se dedicarem a tentar definir literacia financeira, foi em 2018, que a OCDE criou uma definição especificamente para a literacia financeira dos empresários de PME, tendo por base a definição que havia criado em 2012 para a literacia financeira dos adultos (OCDE, 2018). A literacia financeira dos empresários de PME foi definida então como sendo a combinação de consciência, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos que um potencial empreendedor, proprietário ou gestor de uma micro, pequena ou média empresa deve ter para tomar decisões financeiras eficazes para iniciar um negócio, gerir um negócio e, em última análise, garantir a sua sustentabilidade e crescimento (OCDE, 2018).

Ao longo dos anos, os autores têm investigado as vantagens de possuir um elevado nível de literacia financeira. Por exemplo, Lusardi e Mitchell (2011) referem que as pessoas com maior literacia financeira tendem a preocupar-se mais com as suas poupanças, começando a pensar na sua reforma muito cedo na sua vida. Lusardi e Mitchell (2014) indicam que a literacia financeira contribui para que as pessoas consigam obter maiores retornos das suas poupanças, o que impulsiona o seu bem-estar financeiro. Lusardi e Tufano (2015) argumentam que as pessoas que não têm literacia financeira são mais propensas a ter dívidas e taxas de juro mais elevadas. Messy e Monticone (2016) sugerem que a literacia financeira é uma forma de diminuir o endividamento das famílias, contribuindo para o desenvolvimento económico dos países. Ainda no mesmo ano, a Associação Portuguesa de Bancos (2016) afirma que as pessoas financeiramente letradas

são capazes de compreender conceitos úteis à gestão do seu orçamento familiar, o que faz com que tomem decisões económicas e financeiras fundamentadas, o que contribui para a sua qualidade de vida e para a estabilidade macroeconómica.

Balasubramnian e Sargent (2020) realizaram um estudo no qual, em vez de relacionarem o nível de literacia financeira com as decisões financeiras, estudaram a relação entre as perceções inflacionadas de conhecimento financeiro e as decisões financeiras. Assim, analisaram se uma pessoa que pensa que tem conhecimentos financeiros, apesar de não os ter, toma decisões financeiras piores do que uma pessoa que está consciente que não possui esses conhecimentos. A literacia financeira objetiva foi medida pela soma de respostas corretas em cinco questões objetivas. Utilizaram questões de inquéritos que já tinham sido usados por Lusardi e Mitchell (2014) para avaliar a literacia financeira. Posteriormente, a lacuna que existe entre a literacia financeira objetiva e a percebida foi medida subtraindo a medida de literacia objetiva à medida de literacia percebida. Neste estudo, os autores chegam à conclusão que pior do que não ter conhecimentos financeiros é ter a ilusão de conhecimento, introduzindo assim, uma nova variável independente na literatura sobre literacia financeira. Também concluíram que aqueles que têm consciência de que têm poucos conhecimentos de literacia financeira tendem a tomar decisões financeiras de forma mais cuidada do que aqueles que sofrem da ilusão de conhecimento.

1.2. O impacto da literacia financeira nas PME

A literacia financeira é fundamental para o sucesso de uma empresa (Graña-Alvarez et al., 2022). Os estudos comprovam que existe uma relação positiva entre a literacia financeira dos empreendedores e os resultados positivos das PME, o que faz com que uma PME cujo proprietário tenha uma elevada literacia financeira tenha uma maior probabilidade de crescer e de ser bem-sucedida (Graña-Alvarez et al., 2022; Agyapong & Attram, 2019; Lusimbo, 2016).

Aqueles que possuem uma maior literacia financeira têm uma maior tendência para desenvolverem um espírito empreendedor, ou seja, as pessoas com menor literacia financeira vão considerar que empreender é muito arriscado, enquanto aquelas com maior literacia financeira vão estar dispostas a arriscar e criar uma empresa (Riepe et al., 2022). Além disso, de acordo com Mitchell (2022) e com Carraher e Auken (2013), as pessoas com maior literacia financeira têm mais capacidade para tomarem decisões e uma maior tolerância ao risco (Samsuri et al., 2019). Para García-Pérez-de Lema et al. (2021), essas pessoas têm uma maior capacidade de gerirem a parte financeira das suas empresas, fazendo com que antecipem riscos, organizem os seus orçamentos, pensem em estratégias de investimento e estejam melhor preparadas para lidar com os credores bancários. Têm, também, uma maior tendência para evitar fontes de financiamento de curto prazo e de elevado custo (Nitani et al., 2020).

De acordo com Nichita et al. (2019), os empresários precisam também de ter literacia fiscal além da literacia financeira. As pessoas com literacia fiscal têm capacidade para perceber os seus direitos e as suas obrigações e para aplicar a legislação tributária em vigor. A literacia fiscal faz com que percebam a razão pela qual existem taxas, impostos e contribuições, tornando-se mais fácil combater a evasão fiscal e aumentar a receita da maioria dos países do mundo.

Agyapong e Attram (2019) realizaram um estudo no qual concluem que a literacia financeira das PME, apesar de ser aplicada ao ramo empresarial, está diretamente relacionada com a literacia financeira pessoal. Este estudo revelou uma relação positiva entre estes dois tipos de literacia financeira, ou seja, um gerente com uma reduzida literacia financeira pessoal vai ter uma pior gestão empresarial.

A literacia financeira tem um impacto positivo no desempenho das PME, mas diversos estudos indicam que muitos gerentes dessas empresas possuem baixos níveis de literacia financeira (Graña-Alvarez et al., 2022; Fauziyah et al., 2022; Roslan et al., 2018). Essa limitação leva frequentemente a decisões financeiras inadequadas, com efeitos negativos tanto a curto como a longo prazo (Sudarmoyo & Tahir, 2021). Além disso, a literacia financeira tende a ser maior em empresas com receitas mais elevadas e quando os gestores têm formação superior ou não pertencem à família proprietária (Molina-Garcia et al., 2023; Nitani et al., 2020; Carraher & Auken, 2013).

A baixa literacia financeira é apontada como uma das principais causas do fracasso das pequenas empresas e um obstáculo à diversificação das fontes de financiamento (Anshika & Singla, 2022). Essa limitação também reduz a confiança dos gestores nas suas decisões (Tuffour et al., 2022), enquanto níveis mais elevados de literacia estão associados à maior utilização de sistemas de contabilidade e controlo de gestão (Graña-Alvarez et al., 2022).

Estudos mais recentes reforçam estas conclusões. Trombetta (2023) comparou empresários de Espanha, Itália e Reino Unido, identificando quatro perfis de gestão financeira baseados nos níveis de literacia (ingénua, conservadora, arriscada e sofisticada). O autor verificou uma associação positiva entre a literacia financeira básica e a boa gestão empresarial, mas uma associação negativa no caso da literacia financeira avançada. Já Basha et al. (2023) concluem que a literacia financeira está negativamente associada à alavancagem das PME, defendendo a implementação de programas contínuos de formação para melhorar a eficiência das decisões financeiras.

1.3. Conhecimentos essenciais para os empresários de PME

A literacia financeira é fundamental para a boa gestão das PME, permitindo que os gerentes interpretem corretamente as Demonstrações Financeiras e tomem decisões informadas, evitando impactos negativos no negócio (Carraher & Auken, 2013). Segundo Lusimbo (2016), os conhecimentos essenciais incluem gestão de dívidas, contabilidade, uso de serviços bancários e elaboração de orçamentos, sendo também importante

compreender o funcionamento do sistema bancário, como taxas de juro e produtos financeiros disponíveis.

Roslan et al. (2018) destacam que os empresários de PME devem dominar noções básicas de contabilidade, como a separação entre contas pessoais e empresariais, distinção entre receita e lucro, utilização de relatórios financeiros, decisões de investimento, controlo de fluxos de caixa e análise mensal de resultados.

Abebe et al. (2018) observaram que a falta de literacia financeira pode levar à ausência de comportamentos de poupança, inibindo o uso de produtos financeiros como contas poupança ou investimentos. Já Ali e Li (2021) defendem que é essencial investir na formação dos gestores de PME, com o apoio de políticas públicas e financeiras, para ensinar contabilidade básica, tipos de investimentos e orçamentação de tesouraria.

Com base numa revisão de 67 estudos, Anshika e Singla (2022) identificam os principais parâmetros para avaliar a literacia financeira dos empresários: juros simples e compostos, inflação, valor temporal do dinheiro, gestão de dívida, *leasing*, empréstimos, impostos e noções de ativos, passivos, receitas e despesas. Recomendam que os empresários invistam na sua formação financeira para melhorar o desempenho empresarial.

1.4. O apoio dos contabilistas às PME

Os contabilistas desempenham hoje um papel fundamental no apoio às PME, ultrapassando as tradicionais funções contabilísticas para se tornarem parceiros estratégicos no desenvolvimento empresarial (De Bruyckere et al., 2017; Hasle et al., 2010). A sua atuação pode melhorar significativamente o desempenho das PME, especialmente quando prestam simultaneamente serviços de consultoria e auditoria (Carey, 2015). A eficácia deste apoio não depende da dimensão do escritório de contabilidade.

Segundo De Bruyckere et al. (2020), a relação entre o contabilista e o gerente deve assentar numa compreensão mútua, o que promove maior confiança e abertura ao aconselhamento. A experiência dos contabilistas é valiosa em áreas como gestão de stocks, tesouraria, controlo de crédito, decisões operacionais e medição de desempenho (Mitchell, 2022). Além disso, ajudam os gestores a ver o negócio de forma mais ampla e estratégica, indo além da perspetiva puramente financeira.

De acordo com Singh (2023), os contabilistas contribuem significativamente para o aumento da literacia financeira dos empresários, fornecendo conselhos, facilitando a compreensão das Demonstrações Financeiras e melhorando a capacidade de previsão e tomada de decisão. Podem ainda apoiar o planeamento estratégico (de curto a longo prazo), o acesso a financiamento e o planeamento fiscal. Através da formação e da partilha de boas práticas, ajudam a profissionalizar a gestão das PME.

O estudo da International Federation of Accountants [IFAC] (2016) confirma que os contabilistas, sobretudo os de pequenas firmas, são os consultores mais procurados pelas PME, sobretudo aquelas mais jovens, com maiores níveis de endividamento ou que pretendem crescer. A escolha do contabilista depende de fatores como a imagem e reputação percebida, o setor de atividade e a personalidade do gerente. Apesar da digitalização, a comunicação presencial continua a ser a mais valorizada. Para uma relação eficaz, é essencial confiança, comunicação e profundo conhecimento do negócio por parte do contabilista.

Em suma, neste estudo procuramos explorar a literacia financeira dos empresários PME a partir da perceção dos seus contabilistas. E, em que medida esses conhecimentos, comportamentos e atitudes dos empresários condicionam a sua tomada de decisão e impactam no desempenho da PME, ao mesmo tempo que averiguamos o papel desempenhado pelo contabilista nesse processo.

2. Metodologia

Este estudo visa recolher dados e analisá-los de forma a responder à questão de partida: “Como os contabilistas contribuem para a literacia financeira dos empresários de PME?”. Assim, tendo em consideração esta questão e os objetivos específicos previamente definidos, esta investigação enquadra-se no paradigma interpretativo, adotando-se uma metodologia qualitativa.

Quanto à metodologia, Vieira et al. (2009) afirmam que não existe uma metodologia perfeita na contabilidade, que se deve escolher o método de recolha de dados de acordo com os objetivos que se pretendem atingir. Nas pesquisas qualitativas podem ser utilizados vários métodos de recolha de dados, como as entrevistas (Lin, 1998). Estas devem ser usadas quando se tem o objetivo de analisar o sentido que os autores dão às suas práticas, quando se pretende analisar um problema específico ou quando o objetivo é fazer a reconstituição de experiências ou de acontecimentos passados (Saunders et al., 2009). Nas entrevistas semiestruturadas é utilizado um conjunto de questões previamente preparadas com o objetivo de obter respostas mais elaboradas por parte dos entrevistados (Vieira et al., 2009). Todavia, apesar de se preparar um guião, existe flexibilidade de ajustar as perguntas no decorrer da entrevista, bem como alterar a sua ordem ou acrescentar questões adicionais (Patton, 2014). Neste estudo, a entrevista é o método de recolha de dados mais adequado porque se pretende analisar o contributo dos contabilistas para a literacia financeira dos empresários das PME. Tal implica que os entrevistados partilhem a sua experiência e reflitam sobre acontecimentos passados que permitam tirar conclusões.

As questões do guião da entrevista foram desenvolvidas de acordo com os objetivos específicos e a revisão de literatura efetuada. O guião é composto por seis partes: 1) cinco questões para caracterizar os entrevistados da amostra; 2) duas questões que têm o intuito de perceber os conhecimentos prévios do entrevistado acerca do tema

de investigação; 3), 4), e 5) têm quatro, três e cinco questões, que pretendem dar resposta ao primeiro, segundo e terceiro objetivos específicos, respetivamente; 6) apenas uma questão através da qual se disponibiliza ao entrevistado a possibilidade de efetuar alguma sugestão que considere pertinente para o estudo.

Saunders et al. (2009) referem que existem vários métodos que podem ser utilizados pelo investigador para saber em que momento deve parar de realizar entrevistas, que são, quando já não se consegue encontrar mais pessoas para participar, quando a amostra já é grande o suficiente ou quando o investigador se apercebe que foi atingido o ponto de saturação. Para este estudo foi escolhido o último método, o ponto de saturação. Isto significa que deixamos de realizar entrevistas quando as respostas se tornaram repetitivas, não acrescentando algo relevante ao estudo (Saunders et al., 2009).

Os requisitos dos entrevistados são: estar atualmente a exercer como contabilista certificado ou técnico de contabilidade num gabinete de contabilidade e prestar serviços a PME, tendo por isso contacto próximo com os empresários das mesmas. Os entrevistados foram selecionados usando, inicialmente, uma amostragem por bola de neve.

A parte considerada mais difícil deste tipo de amostragem é definir uma ou duas pessoas para começar a recolha de dados (Saunders et al., 2009). Essas pessoas devem reunir todos os requisitos para participar no estudo e ter uma grande rede de contactos para recomendar os próximos participantes. Neste sentido, foi selecionada uma pessoa com uma grande rede de contactos para constituir a base da amostra e que era próxima de um dos investigadores. Essa pessoa recomendou duas outras suas conhecidas, das quais uma tinha uma grande presença no digital. Deste processo resultaram quatro entrevistas. Todavia, as pessoas que sucessivamente foram recomendadas estavam indisponíveis para a entrevista. Dado o número pequeno de entrevistas, deixamos de utilizar a amostragem por bola de neve e passamos a utilizar a amostragem por conveniência. Este tipo de amostragem consiste em efetuar uma seleção aleatória das pessoas que são mais fáceis de obter para a amostra (Saunders et al., 2009). Quando passamos a utilizar a amostragem por conveniência, primeiro foram contactadas pessoas próximas dos investigadores, no entanto, como o ponto de saturação ainda estava longe de ser atingido, foram contactados gabinetes de contabilidade de diferentes regiões do país, via *email* e também através do *LinkedIn*. Através deste processo foi possível conseguir nove entrevistas, sobretudo pessoas da região Norte e do género masculino, que na sua maioria ocupavam a posição de sócio-gerente. Esta concentração de entrevistas na região Norte deve-se, por um lado, à proximidade geográfica dos investigadores e, por outro lado, à concentração de PME na região. O ponto de saturação foi atingido ao fim de 17 entrevistas. Estas foram realizadas presencialmente, por videoconferência, por telefone e também por escrito, adaptando a forma de efetuar a entrevista ao canal aceite pelo entrevistado para participar no estudo.

Antes de iniciar a entrevista, todos os entrevistados assinaram um termo de autorização de participação e de gravação da entrevista, sendo também transmitidos os objetivos do trabalho e a garantia não só do anonimato dos participantes, mas também do uso exclusivo dos dados para os objetivos do estudo. Com o áudio das entrevistas transcrito para papel procedeu-se de seguida a análise do seu conteúdo, de forma manual, sem recurso a qualquer *software* para esse efeito. Para a análise de conteúdo procedemos a uma análise comparativa entre os objetivos específicos, a literatura revista e as respostas obtidas nas entrevistas.

2.1. Caracterização da amostra

As 17 entrevistas foram realizadas entre junho e setembro de 2024, com profissionais que trabalham em gabinetes de contabilidade e que são responsáveis pela contabilidade de PME. O Quadro 1 apresenta a caracterização dos entrevistados, que foram numerados de 1 a 17, a fim de garantir o anonimato dos mesmos. A maioria dos entrevistados possui o grau 6 do nível de qualificações, ou seja, licenciatura, sendo a contabilidade a área predominante. Com a exceção de uma pessoa (E12), todos os entrevistados trabalham em gabinetes de contabilidade da região Norte de Portugal. A idade dos entrevistados varia entre os 27 e os 71 anos, a experiência profissional entre os 5 e os 48 anos, sendo a média das idades de 49,35 anos e a da experiência profissional de aproximadamente 24,12 anos. A amostra é constituída por 7 pessoas do género feminino e 10 do género masculino. A duração média das entrevistas foi de 30 minutos, muito embora tenhamos sentido alguma influência entre o canal escolhido para recolha dos dados e a duração e profundidade da entrevista.

A amostra utilizada é constituída, essencialmente, por contabilistas certificados que ocupam o cargo de sócios-gerentes. Dos 17 entrevistados três disseram não saber definir literacia financeira (E5, E6 e E7), mas depois de lhes ser explicado o conceito conseguiram responder a todas as questões. Todos os restantes entrevistados apresentaram uma definição. Na sua maioria, em vez de definirem, enumeraram um conjunto de conhecimentos que consideram que as pessoas devem ter para gerir uma empresa, ou seja, apenas tiveram em consideração os conhecimentos e não o conjunto dos conhecimentos, comportamentos e atitudes.

Quadro 1 – Caracterização dos entrevistados

Entrevistado	Idade (anos)	Habilitações académicas	Género	Anos de serviço	Profissão	Localidade	Data da entrevista
E1	40	Licenciatura em Contabilidade	F	18	Contabilista Certificada	Melgaço	7 de junho *
E2	53	Licenciatura em Contabilidade	M	14	Contabilista Certificado	Amares	14 de junho *
E3	47	Licenciatura em Contabilidade	F	26	Contabilista Certificada	Braga	20 de junho *
E4	47	Licenciatura em Gestão Comercial e Contabilidade	F	20	Contabilista Certificada	Amares	27 de junho *
E5	48	Licenciatura em Contabilidade	F	26	Contabilista Certificada	Melgaço	20 de agosto *
E6	66	12º ano	M	40	Contabilista Certificado	Melgaço	20 de agosto *
E7	67	12º ano	M	43	Contabilista Certificado	Melgaço	21 de agosto *
E8	36	Licenciatura em Gestão	M	14	Técnico de contabilidade	Paredes	29 de agosto *
E9	71	Licenciatura em Economia	M	48	Contabilista Certificado	V.N. de Gaia	13 de setembro ***
E10	51	Mestrado em Gestão de Empresas	M	22	Contabilista Certificado	Porto	13 de setembro ***
E11	41	Licenciatura em Contabilidade e Auditoria	M	15	Técnico de contabilidade	Porto	13 de setembro ***
E12	49	Licenciatura em Organização e Gestão de Empresas	F	21	Contabilista Certificada	Lisboa	16 de setembro **
E13	55	Licenciatura em Economia	M	30	Contabilista Certificado	Matosinhos	16 de setembro ***
E14	27	Licenciatura em Contabilidade e Fiscalidade	F	5	Técnica de contabilidade	Valença	17 de setembro **
E15	49	Licenciatura em Economia	M	23	Contabilista Certificado	Braga	17 de setembro *
E16	46	Licenciatura em Contabilidade	M	20	Contabilista Certificado	V.N. de Famalicão	17 de setembro ****
E17	46	Licenciatura em Contabilidade e Gestão	F	25	Contabilista Certificada	Vizela	17 de setembro **

F- Feminino; M – Masculino; * Entrevista presencial; ** Entrevista por escrito; *** Entrevista por videochamada; **** Entrevista por telefone.

Fonte: Elaboração própria

A amostra utilizada é constituída, essencialmente, por contabilistas certificados que ocupam o cargo de sócios-gerentes. Dos 17 entrevistados três disseram não saber definir literacia financeira (E5, E6 e E7), mas depois de lhes ser explicado o conceito conseguiram responder a todas as questões. Todos os restantes entrevistados apresentaram uma definição. Na sua maioria, em vez de definirem, enumeraram um conjunto de conhecimentos que consideram que as pessoas devem ter para gerir uma empresa, ou seja, apenas tiveram em consideração os conhecimentos e não o conjunto dos conhecimentos, comportamentos e atitudes.

2.2. Apresentação e discussão dos resultados obtidos

Com base nas 17 entrevistas realizadas procedeu-se a uma análise do conteúdo, tendo em vista responder aos objetivos deste trabalho: identificar as maiores carências de conhecimentos financeiros percebidas pelos contabilistas acerca dos empresários de PME, determinar os conhecimentos que os contabilistas consideram essenciais para uma melhor gestão das PME e perceber que estratégias são seguidas pelos contabilistas para apoiar e desenvolver o conhecimento financeiro das PME. De seguida apresentam-se os resultados obtidos por objetivo específico definido anteriormente.

2.2.1 Identificar as maiores carências de conhecimentos financeiros percebidas pelos contabilistas acerca dos empresários de PME

Todos os entrevistados são unânimes a considerar que existe uma grande falta de conhecimentos financeiros por parte dos empresários de PME. Com base nas respetivas carteiras de clientes, identificaram as principais carências dos empresários de PME: fiscalidade, interpretação das Demonstrações Financeiras, formulação dos preços, tesouraria, Fundo de Maneio e noções bancárias.

Numa primeira abordagem à questão acerca da carência de conhecimentos do empresário, a resposta obtida foi de que as dificuldades eram em quase tudo:

“Quase tudo. Eles às vezes nem sabem como é que as empresas funcionam.” (E12)

“Como são empresas familiares têm muita falta de conhecimentos de tudo porque gerem com base na experiência e com base naquilo que aprenderam com as gerações anteriores. Não gerem com base em conhecimento que adquiriram nalguma formação que fizeram.” (E6)

“Têm poucos conhecimentos. O empresário português habitual, o conhecimento que tem, muitas vezes é ‘o arriscar’. Primeiro arriscam e depois é que acabam por perceber como é que as coisas funcionam.” (E4)

Grande parte dos entrevistados considera os conhecimentos relacionados com impostos como uma das principais lacunas que os empresários têm:

“Não têm noção dos impostos que têm associados ao seu negócio. Às vezes a única noção que têm dos impostos é que pagar é mau, e por vezes nem sabem que impostos têm de pagar.” (E4)

“Perguntam, (...) como podem fazer para não pagarem impostos porque pensam que só por terem uma empresa que vão pagar menos impostos do que se fossem trabalhadores independentes.” (E7)

“A maior parte das pessoas não sabe porque é que pagam impostos nem sabem distinguir o que é uma taxa e o que é um imposto, que são coisas diferentes (...)” (E2)

O maior desconhecimento vai principalmente em relação ao Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA), nomeadamente perceber que é o consumidor final quem suporta o imposto e o impacto a nível fiscal dos documentos que emitem ou que recebem:

“Não querem pagar muito IVA. As pessoas não sabem que só pagamos o IVA daquilo que recebemos, portanto, nós somos apenas um meio de transporte do IVA (...) não entra para as nossas contas como Fundo de Maneio (...)” (E11)

“Muitos não sabem fazer as contas do IVA. Dizem, p. ex. ‘eu hoje faturei 300 euros’ e depois eu pergunto, ‘mas foi com IVA incluído?’ e dizem ‘ah, sim, sim, foi com IVA’ então eu tenho de dizer que ‘afinal não faturou 300 euros, faturou qualquer coisa mais IVA que deu 300 euros’. (...) basta eu perguntar quanto é que faturou e eles fazem as contas com IVA porque eles contam o dinheiro que está na caixa ou quanto foi pago em multibanco.” (E13)

“Tive de explicar a um cliente que ao não entregar as faturas das compras atempadamente, está a deitar dinheiro ao lixo (...), na dedução do IVA. É característico isto acontecer.” (E2)

“O mais comum no dia a dia, é a não compreensão do que é uma despesa/gasto aceite em sede de IVA.” (E8)

“Muitos deles nem sabem o que são faturas, só sabem que são documentos. Notas de crédito, notas de débito, não sabem o que são. Isso tem influência no dia a dia deles, na parte das contas correntes e na parte financeira. E depois, o que é que isso implica em termos fiscais, relativamente ao IVA, e o que os poderá beneficiar ou não no âmbito da sua atividade se não tiverem os documentos corretos.” (E1)

Também foram salientadas dificuldades em relação ao Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas (IRC), principalmente em perceber o porquê de existirem pagamentos por conta:

“Muitos deles abrem empresas e não fazem a mínima ideia (...) do que é que é o IRC (...)”. (E11)

Outro aspeto que os entrevistados consideram que os empresários não dominam é em relação à análise e interpretação das Demonstrações Financeiras:

“Têm dificuldades principalmente na interpretação da informação contabilística, das Demonstrações Financeiras ou dos Balancetes. Também não percebem o impacto que as decisões que tomam no dia a dia têm nas Demonstrações Financeiras e muitas vezes não têm noção de que a contabilidade reflete tudo o que acontece na empresa.” (E3)

Apesar da maioria dos entrevistados indicar que as maiores carências dos empresários estão relacionadas com os impostos e com a análise das Demonstrações Financeiras, alguns deles referem outras dificuldades, nomeadamente, no que diz respeito às margens, aos preços, ao Fundo de Maneio, ao cálculo dos gastos da mão de obra direta, aos custos fixos, à gestão de tesouraria, ao prazo para recuperar um investimento, à percepção de que a legislação altera com o tempo, à distinção entre lucro e vendas e entre a conta pessoal e a conta da empresa:

“Muitos empresários pedem ajuda na tomada de decisões sobre a avaliação de um crédito bancário. Questionam se é preferível pagar a pronto ou recorrer a financiamentos (...). Não fazem ideia de quanto tempo demora a rentabilizar um investimento.” (E16)

“Tive um cliente que ia ter reembolso de IRC que me perguntou se o reembolso ia para a conta dele ou para a conta da empresa. Perguntou-me mesmo ‘vai para a minha conta, não é?’ e era óbvio que era para a conta da empresa.” (E3)

“Não calcular devidamente os gastos com um funcionário.” (E17)

“Os empresários, de forma geral, não dominam pequenos conceitos como o de Fundo de Maneio” (E15)

“Confundem lucro com vendas. Já tive clientes que pensavam estar a ter excelentes resultados financeiros simplesmente porque as vendas estavam a crescer, sem perceberem que os custos estavam a aumentar na mesma proporção, o que acabava por anular os lucros.” (E10)

“Não percebem que se comprem mercadorias e as guardam no armazém e não as vendem, também existem custos associados (...) que existem despesas fixas e que apesar da empresa estar a trabalhar bem ou não, essas despesas vão continuar a existir (...). Quando o negócio até está a correr mais ou menos bem e o empregador quer ter mais um empregado, tem que ter noção que vai ser mais uma ‘boca para alimentar’, ou seja, significa que o seu volume de negócios também vai ter que aumentar (...) não percebem que é a margem que tem de pagar essa despesa extra (...) confundem o pagamento e o recebimento com a despesa e o lucro. (...). Também há muita dificuldade em perceber como funcionam as coisas a nível de preços, de stocks, como fazer convenientemente o inventário, como funciona um empréstimo ou uma locação, como funcionam os juros, etc.” (E4)

“Esquecem-se que os nossos códigos tributários alteram todos os anos, portanto, já souberam o que é que era uma coisa em tempos, mas não compreendem porque é que hoje é diferente de antes, porque é que hoje se fazem outras contas ou porque é que o imposto já é outro ou quando é que se fez essa alteração do imposto.” (E11)

Alguns dos entrevistados apercebem-se de poucos conhecimentos em relação a assuntos que não estão diretamente relacionados com contabilidade ou fiscalidade, mas que têm um grande impacto nas empresas, como é o caso dos conhecimentos ao nível do digital ou da língua portuguesa, como se constata a seguir:

“As pessoas pensam que pagam ao contabilista para que faça tudo por eles e não se preocupam com mais nada; até emitimos as faturas à mão porque têm dificuldades a escrever e fazemos pagamentos porque não sabem usar os computadores para fazerem transferências bancárias.” (E5)

“Muitas vezes, por muito que se tente explicar, é muito difícil. Às vezes tem a ver mesmo com a compreensão ou a falta de conhecimento até mesmo de português.” (E4)

Alguns entrevistados referem mesmo que um dos maiores problemas dos empresários de PME é o seu desinteresse acerca da parte financeira da empresa:

“Os sócios só estão preocupados em serem bons na parte operacional, não dando importância à parte financeira da sua empresa (...).” (E17)

“Na maior parte dos casos nem sabem, nem querem saber, porque o importante para os empresários muitas vezes é saber como vão conseguir um empréstimo, saber que não vão ser falados por terem a empresa a passar dificuldades e saber como pagar o mínimo de impostos possível. É só isso que os preocupa. É o dinheiro que lhes entra no bolso e aquele que lhes sai do bolso porque vai para o Estado.” (E7)

Ainda dentro do desinteresse, os entrevistados indicam que este é maior nas empresas de menor dimensão e que não é por os sócios-gerentes terem um curso superior que vão ter mais interesse em aprender sobre esses assuntos:

“As grandes empresas que nós temos (...), ao longo dos anos já foram (...) preparadas para puderem acompanhar a gestão da empresa (...). E realmente estamos a falar de um perfil de empresários (...) que tem a capacidade (...) de acompanhar a interpretação das contas da empresa e questionar sobre o desempenho de alguns indicadores. (...) Depois temos o pequeno empresário da restauração e similares em que os temas relacionados com a gestão como o Balanço, a perceção de como se forma o valor da empresa, a interpretação dos fluxos de caixa, a abordagem ao orçamento, a abordagem à estratégia, não lhes interessa (...) não reconhecem o valor acrescentado nas contas da empresa porque, feliz ou infelizmente, sabem que a contabilidade retrata a realidade dos documentos e muitas vezes alguns empresários fazem lá os seus negócios e muitas vezes não há documentos (...).” (E15)

“Quando estamos a falar de microempresas, principalmente, que são empresas geridas por marido, mulher, às vezes pai, filho, etc., (...) eles (...) querem é tirar um maior partido da empresa para viverem melhor e se conseguirem canalizar as despesas para a empresa então, melhor ainda. Se a empresa é sólida, se é saudável, se tem capital social positivo ou negativo, para eles é irrelevante. Eles não querem saber desde que possam ir ao Banco com um Balancete e o Banco diga ‘Sim senhor, nós aprovamos o crédito’.” (E13)

“Tenho clientes que apesar de possuírem uma licenciatura não lhes dá, por isso, maior conhecimento que o serralheiro. Sou da opinião que a literacia financeira se ganha com o interesse dos sócios em querer aprender.” (E17)

Quando se perguntou a quem é que, na sua opinião, os empresários de PME recorriam para esclarecimento de dúvidas, responderam, na sua maioria, que era aos contabilistas. Mas, alguns indicam que também recorrem aos bancários, a amigos ou à Internet.

“É aos contabilistas.” (E5, E6, E7, E11, E12, E13, E14, E15, E17)

“Os nossos clientes recorrem a nós. Tenho perfeita noção que fazem isso, aliás nós fomentamos para que eles façam isso: ‘Qualquer dúvida fale connosco para nós o conseguirmos ajudar’.” (E1)

“Ao contabilista ou a um amigo, o que às vezes não dá bom resultado (...)” (E4)

“Dependendo do perfil, há os que recorrem ao contabilista e há os que usam as conversas de ‘café’ e os *reels* das redes sociais para posteriormente trocarem ideias com o contabilista. Os mais velhos tendem a procurar primeiro o contabilista e os mais novos procuram primeiro os gurus da Internet e do café.” (E8)

“Primeiro, vão ao café e aos amigos do café (...) depois é que recorrem ao especialista.” (E2)

“Quando têm uma dúvida ao nível financeiro costumam recorrer à banca em primeiro lugar e depois recorrem a mim para eu aconselhar. Depois disso, a decisão é sempre deles, que até pode não coincidir com o que eu aconselhei.” (E3)

Quando questionados se alguma vez se tinham apercebido de que existia ilusão de conhecimento por parte dos empresários das PME, os entrevistados responderam, na sua maioria, que existia e, por vezes, conseguiram dar alguns exemplos:

“Quando me pedem para eu lhes explicar alguma coisa, depois de eu explicar acabam por dizer, ‘mas eu pensava que era assim’.” (E3)

“Acontece muito com segundas gerações de empresários, em que os pais facultaram aos filhos acesso a estudos superiores e, só por esse facto, lhes concedem a confiança (errada) de que eles estão na posse da total compreensão da vida financeira da empresa. O mais comum é, em sede de apuramento da Matéria Coletável de IRC, darem sugestões de como deveria o contabilista proceder com certos temas (Despesas de Representação, Ofertas, Tributações Autónomas, etc.). Já ouvi de tudo.” (E8)

“Muitas vezes! Muitas vezes! (...) Por exemplo, a distribuição de lucros. Pensam que é só ‘a empresa ter lucros, paga-se o imposto e distribui-se logo’ e não é assim que diz a lei.” (E11)

“Sim. Uma vez um cliente acreditava que, desde que tivesse dinheiro no banco, o negócio estava saudável, ignorando completamente as dívidas a curto e longo prazo que a empresa tinha. Foi preciso explicar-lhe que o saldo bancário não é um indicador claro da saúde financeira da empresa.” (E10)

“Quando (...) um cliente (...) começa a utilizar termos técnicos (...) já sei que a empresa vai durar no máximo 3 anos, porque se a pessoa pensa que sabe tudo e não tem humildade para reconhecer que não está informada de tudo, é meio caminho andado para que tome más decisões.” (E7)

Alguns dos entrevistados olharam para a ilusão de conhecimento de uma forma diferente, defendendo que as pessoas podem tentar recolher informação para tomar as decisões da forma acertada e depararem-se com informação errada ou desatualizada, ficando convencidos de que estão bem informados porque a informação foi fornecida por fontes credíveis:

“Todos os dias aparecem coisas diferentes e ficamos a pensar como é que é possível. (...) Se eu tiver de dizer uma coisa a um cliente, a mesma coisa deveria ser dita pelas Finanças (...) por outro

contabilista (...) [mas nem sempre é assim]. Uma pessoa devia poder pedir apoio às Finanças e as Finanças dizerem efetivamente ‘Isto é assim’.” (E11)

2.2.2. Determinar os conhecimentos que os contabilistas consideram essenciais para uma melhor gestão das PME

No âmbito deste objetivo foi solicitado aos entrevistados que identificassem os conhecimentos que qualquer empresário devia possuir para gerir melhor a empresa ou para criar uma empresa, na medida que todos entrevistados consideram que a literacia financeira dos empresários, sendo reduzida, afeta negativamente a gestão das empresas.

“Pelos conhecimentos financeiros é demasiadamente afetada (...), na simples contratação de um crédito ou de um *leasing* (...) temos de ter em conta vários pressupostos. Desde logo (...) que o juro geralmente é composto, (...) os custos bancários na abertura do processo e o que acontece no final do contrato. (...) Não ter consciência das margens de lucro corretas, (...) considero um problema e muitas vezes pergunta-se ao cliente se ele tem ideia de quanto é que está a ganhar, efetivamente, e ele não tem ideia.” (E2)

“O empresário, às vezes, cria a empresa para poder financiar os seus custos pessoais e depois (...) há custos que não são aceites [fiscalmente], há custos que não devem ser pagos pela empresa (...). Depois, quando há gastos não justificados, nós contabilizamos como despesas não devidamente documentadas e (...) têm uma tributação autónoma com uma taxa altíssima. O que é que acontece? Quando chegamos ao final do ano e apresentamos os impostos a pagar dizem ‘Ai, ai, ai porque é que é este valor se eu entreguei os papéis todos?’” (E12)

“[Os empresários] acham que tudo o que entra na empresa é lucro e não fazem a gestão de ativos e passivos. (...) Não têm o mínimo de conhecimento para pensar ‘faturei 10000, mas desses 10000, 5000 vão para pagamentos aos funcionários, 2000 vão para pagamentos de IVA ao Estado, (...) pensam que esses 10000 é o bolo todo’.” (E14)

A maioria dos entrevistados considera existir uma relação entre a literacia financeira dos gerentes e a sua literacia financeira pessoal, dizendo que existe uma tendência para aplicarem na gestão da empresa os mesmos princípios que aplicam na gestão das suas finanças pessoais. Alguns dos entrevistados referem também que se os empresários não têm interesse em aprender a gerir as suas finanças pessoais também não vão ter interesse em aprender a gerir melhor a sua PME:

“A literacia financeira pessoal muitas vezes reflete-se na gestão da empresa, pois aqueles que sabem gerir as suas finanças pessoais tendem a aplicar esses princípios nos negócios.” (E10)

“Acho que não se pode dissociar uma situação da outra. Nós, enquanto pessoas que não nos interessamos por determinado tema, não é por sermos empresários que vamos passar a interessar-nos.” (E2)

No entanto, uma das entrevistadas, apesar de indicar que a literacia financeira pessoal e a dos gerentes está relacionada, considera que as pessoas gerem melhor as suas finanças pessoais do que as da empresa,

“As pessoas têm mais noção daquilo que fazem em casa do que daquilo que fazem na empresa (...). Quando é o empréstimo da casa (...) têm mais noção porque sai diretamente do gerente, enquanto no caso de um empréstimo para a empresa esquecem-se que vai ter repercussões no futuro, porque não lhes sai diretamente do bolso. Só têm noção de que algo não está bem quando as coisas começam a complicar em termos de pagamentos.” (E4)

Quando questionados acerca dos conhecimentos que consideram mais importantes para que um empresário consiga gerir melhor a sua empresa, os entrevistados conseguiram indicar um leque variado. Os conhecimentos considerados os mais importantes estão relacionados com fiscalidade, interpretação das Demonstrações Financeiras, distinção entre a conta pessoal e a da empresa, uso adequado dos programas de faturação, a importância de entregarem todos os documentos aos contabilistas, os empréstimos e a definição de preços.

“Saber o que é o Código das Sociedades Comerciais. Deveriam saber o que é o Código do IRC. Saber o que é o Estatuto dos Benefícios Fiscais e o Código do IVA (...).” (E11)

“A nível fiscal (...) perceberem (...) o que é que determinadas operações poderão implicar fiscalmente (...). Nas micro e pequenas a parte fiscal é muito importante, por isso a literacia fiscal também é importante. Conceitos também ao nível de gestão, saberem como gerir melhor o seu negócio ao nível de prazos de pagamento, de condições de empréstimos porque algumas vezes é só contrair empréstimos e depois há de se pagar sem haver propriamente um retorno (...).” (E1)

“Deviam saber usar corretamente os programas informáticos (...) distinguir os vários documentos, como as faturas, as notas de crédito e os recibos”. (E6)

“Deveriam, antes de mais, saber analisar as Demonstrações Financeiras de uma empresa, depois perceberem o que é uma taxa de esforço, rentabilidades esperadas, tempo de recuperação de um investimento, o que são taxas de juro e quais as melhores taxas do mercado, o que é a Euribor, autonomia financeira.” (E16)

“Deviam ter conhecimentos de gestão e saber que as decisões que tomam se refletem nos resultados. Por exemplo, se alguém decide investir em publicidade isso mais tarde ou mais cedo vai-se refletir nos resultados obtidos e as pessoas muitas vezes não têm noção que a contabilidade reflete tudo o que se passa na empresa.” (E3)

“Deviam saber também que a distribuição de resultados muitas vezes não é feita porque os resultados ficam na própria empresa, ao invés de se pensar que vai para o lixo.” (E2)

“Deviam ter uma noção maior dos impostos, que (...) não se pode usar o dinheiro de uma empresa para uso próprio e que a empresa é para gerar riqueza.” (E12)

“Deveriam compreender (...) o conceito de formação de preços (...). É muito comum os negócios (...) passarem a ser um negócio que apenas subsiste, porque os empresários erram nos preços que cobram e não compreendem a estrutura de gastos que está nessa base”. (E8)

Alguns contabilistas defendem que os empresários deviam frequentar uma formação, a ser obrigatória, e só depois é que poderiam ter uma PME:

“Não teriam que ter formação superior, mas deveria ser obrigatório umas aulas de literacia financeira, assim como se tem aulas de código quando se quer conduzir.” (E17)

“Quando se abre uma empresa, as pessoas deviam ser obrigadas a ter um minicurso sobre como funcionam as empresas, quais as obrigações fiscais e documentais.” (E12)

“Deveria ser obrigatório ter uma formação geral sobre (...) conceitos fundamentais da empresa. (...) Acho que é muito importante explicar aos empresários a importância de um dossier bem organizado, entregar os documentos atempadamente, não pagar nem receber em numerário, de manter as contas da empresa relacionadas apenas com a atividade da empresa (...). (E15)

Um dos participantes no estudo considera que o mais importante para gerirem melhor a PME é ter a iniciativa de delegar aquilo que não dominam a algum especialista,

“Antes de mais (...) tem de haver abertura para ouvir (...) e delegar essas tarefas para quem, de facto, é especializado nessa área.” (E13)

Quando questionados sobre o que consideram indispensável dominar antes de criar uma PME, a grande maioria dos entrevistados indicou ser importante ter conhecimentos de fiscalidade, definição de margens, uso de programas informáticos, necessidade de ter uma conta bancária para a empresa, interpretação de Demonstrações Financeiras, legislação laboral e cálculo dos gastos com o pessoal.

“Não tenho propriamente uma *checklist* mas acho que devem saber o básico, (...) as obrigações fiscais, ter um programa informático para a faturação e uma conta bancária em nome da empresa.” (E3)

“Devia ter conhecimento sobre alguma legislação específica do setor de atividade, legislação laboral, impostos, saber interpretar gráficos e Demonstrações Financeiras, e perceber que é preciso separar o dinheiro da empresa do dinheiro dos sócios-gerentes.” (E7)

“Saber o que é um ativo, passivo e capital próprio. Saber o que determina o lucro e o pagamento de impostos. Saber o ciclo do IVA para terem o conhecimento que o IVA é suportado pelo consumidor final e nas suas etapas apenas se liquida IVA pela margem ganha. Saber determinar o seu ponto crítico, com a enumeração dos gastos e a previsão dos ganhos.” (E17)

“É fundamental saber tudo acerca do próprio negócio, desde a formação de preço com base nas margens que o negócio deve libertar, para conseguir construir uma estrutura à volta desse negócio e fazer o mesmo prosperar e crescer. A maioria dos empresários não faz ideia, quando começa, que o produto/serviço que fornece deve apresentar uma margem x ou z.” (E8)

“Respondia com algumas perguntas. Sabes o que é faturar? Sabes o que são custos? Sabes o que são custos com salários? Sabes o que isso implica nas tuas contas e o que poderá gerar ou não impostos a pagar?” (E1)

Apesar da maior parte dos entrevistados conseguir identificar os assuntos que os empresários devem dominar antes de criar uma empresa, dois consideram que o mais importante é perceber da atividade que vão desenvolver.

2.2.3. Perceber que estratégias são seguidas pelos contabilistas para apoiar e desenvolver o conhecimento financeiro das PME

De modo a perceber que estratégias os contabilistas adotam para ajudar os empresários de PME a desenvolver a sua literacia financeira questionou-se sobre o que os empresários podiam fazer para aumentar a sua literacia financeira, bem como o que os contabilistas fazem para ajudar os empresários a melhorar nesses aspetos. Além disso, pretendia-se avaliar o trabalho dos contabilistas de forma individual, percebendo o que cada um faz diariamente para aumentar a literacia financeira dos seus clientes, se procura perceber o nível de literacia financeira dos mesmos cada vez que recebem um cliente novo e de que forma este afeta o seu trabalho.

Excetuando um dos entrevistados, todos consideram que o melhor que os empresários de PME podem fazer para aumentar o seu nível de literacia financeira é frequentar formações nessa área. Sugerem ainda que entidades, tais como, a Ordem dos Contabilistas Certificados, as Associações Empresariais ou a Autoridade Tributária deviam fornecer essas formações.

“Na minha opinião, podiam fazer cursos rápidos com os mínimos. Até as associações empresariais, na minha ótica, poderão fazer bastante mais neste domínio.” (E2)

“Através de ações de formação da própria ordem dos contabilistas, das próprias Finanças e através de associações empresariais (...).” (E11)

“Podem procurar empresas de formação que tenham formações sobre essa área. Tal como nas lojas agrícolas há formações para as pessoas saberem os cuidados que têm de ter ao usar certos produtos e os perigos que eles têm para o ambiente também podiam existir formações sobre noções básicas de gestão, mas deviam ser presenciais porque as pessoas que mais precisam desse conhecimento são as que não percebem de tecnologias, então o melhor seria terem essas formações em locais públicos ou dadas por associações empresariais.” (E5)

O único entrevistado que apresenta uma estratégia diferente da anterior defende que os empresários podem mostrar mais interesse acerca do assunto:

“Ora, mostrando-se mais curiosos, acima de tudo (...). Tem de haver alteração da mentalidade, no sentido de perceber que conduzir uma empresa sem informação financeira é como conduzir um carro (...) à noite sem luzes. (...) Nós sabemos em que direção vamos, mas não sabemos que obstáculos exatamente vamos encontrar pela frente porque não temos uma resposta.” (E13)

Quando questionados como os contabilistas contribuem para uma maior literacia financeira dos empresários de PME, a maioria dos entrevistados refere que contribui

diariamente através do esclarecimento de dúvidas e do fornecimento de informação importante para a tomada de decisão:

“Penso que de alguma forma todos contribuem através do esclarecimento de dúvidas aos seus clientes e acredito que com o passar do tempo os contabilistas comecem a ter uma maior preocupação com a literacia financeira dos seus clientes, até porque, os jovens que no futuro se poderão tornar empresários vão ter uma maior preocupação relativamente a esses tópicos.” (E3)

“Os CCs [contabilistas certificados], além de saberem interpretar devidamente as Demonstrações Financeiras, têm conhecimentos suficientes sobre as ferramentas de análise financeira que permitem ajudar os empresários na tomada de decisões.” (E16)

“Os contabilistas desempenham um papel fundamental ao explicarem aos empresários como funcionam as finanças da empresa de uma forma descomplicada. Podemos ajudá-los a entender os mapas, a planear o futuro do negócio e a tomar decisões com base em dados concretos.” (E10)

De todos os participantes no estudo apenas dois são da opinião que os contabilistas contribuem pouco para a literacia financeira dos empresários de PME, pois consideram que mesmo os próprios contabilistas não dominam esses temas,

“A grande maioria [contabilistas] não contribui, porque a grande maioria também não a tem. (...) a verdade é que a grande maioria dos profissionais no mercado foram formados como executores de Declarações Fiscais e estão ainda amarrados a esse conceito.” (E8)

“Não contribuem muito porque a grande maioria não tem essa formação também. Infelizmente eu assisto todas as semanas à reunião livre da OCC [Ordem dos Contabilistas Certificados] e (...) causa-me alguma impressão certas perguntas feitas que mostram bem que não estão nada dentro da área da gestão. São pessoas apenas da mecânica da contabilidade.” (E9)

Relativamente àquilo que cada um deles faz no seu dia a dia enquanto contabilista para ajudar os empresários a desenvolver a sua literacia financeira responderam que atendem os telefonemas, esclarecem as suas dúvidas, mantêm-nos informados das alterações que vão acontecendo e fornecem relatórios acerca da empresa para ajudar na gestão da mesma,

“Faço nas PME um acompanhamento regular, no qual são apresentadas as contas da empresa, o evolutivo, o orçamento, evolução mensal e anual comparativa, plurianual, etc., e é enviado e entregue o relatório de acompanhamento de gestão. (...) Muito lentamente tenho vindo a falar em estratégia e eficiência operacional, são dois conceitos (...) inexplorados pelos nossos empresários. (...) O nosso papel cada vez mais é contribuir de forma decisiva para melhorar a gestão do negócio dos clientes. Não é propriamente lançar documentos, isso pertence ao passado, a contabilidade baseada em lançar documentos, entregar declarações, morreu.” (E15)

Quando questionados se cada vez que recebem um novo cliente têm a preocupação de perceber o nível de literacia financeira deles, a maioria indica que logo na primeira reunião, o conseguem fazer, pois

“É impossível ter um novo cliente e não tirar logo a radiografia. Para ficarmos com uma ideia não só do ponto de vista da literacia (...) mas também do tipo de empresário que ele vai ser. Se vai ser um indivíduo sério (...). Tira-se logo a pinta.” (E13)

“Logo na primeira reunião eu tenho de perceber de que forma vou falar com o cliente. (...) Se for um cliente com zero noções de questões financeiras ou de gestão eu tenho de ter uma linguagem adaptada ao conhecimento dele (...).” (E1)

Dois contabilistas, apenas, afirmam que não têm a preocupação de perceber qual é o nível de literacia financeira dos clientes a quem prestam serviços. Um deles indica mesmo que se o procuram para ser responsável pela contabilidade, não vai estar a passar mais conhecimentos, enquanto o outro prefere explicar aquilo que considera que o cliente deve saber ao invés de procurar determinar que conhecimentos já possui.

“Eu costumo informar sobre obrigações fiscais, segurança social, seguros, encargos com os empregados e falo sobre a ASAE [Autoridade de Segurança Alimentar e Económica] pelo medo que eles têm.” (E7)

“Não me preocupo com isso. Porque se alguém vier ter comigo para fazer apenas a contabilidade, (...) é só fazer a contabilidade. A minha preocupação é assegurar se se pode apoiar em nós para não fazer asneiras. (...) Pode até eventualmente ser considerado um bocadinho paternalista, (...) mas enfim, é a nossa postura.” (E9)

A maioria dos entrevistados considera que o nível de literacia financeira dos empresários de PME afeta negativamente o seu trabalho pois faz com que passem muito tempo a explicar os mesmos assuntos e a solicitar a entrega dos documentos para poderem cumprir com as suas obrigações fiscais dentro do prazo previsto:

“Afeta o nosso trabalho (...). Às vezes, quando recebem correspondência e percebem que é algo das Finanças nem abrem a carta. Trazem-nos sem a abrir porque já sabem que não vão perceber o que está lá escrito e às vezes até é uma coisa muito simples.” (E5)

“Afeta na medida em que (...) podemos perder mais tempo com eles. (...) No desenrolar do trabalho propriamente, nós temos de educá-los muitas vezes. Aquela questão de trazer cá os papéis ou de mandar os papéis, digitalmente falando, até o dia X ou Y do mês para cumprir com o envio de ficheiros SAF-T.” (E13)

“Sim, tem impacto no meu trabalho. Se os clientes fizerem as coisas direitas eu vou ser menos ‘chata’ com emails a pedir documentos. (...) Às vezes vemos o que compraram pelo extrato bancário, mas temos de pedir os documentos (...). Se tivessem consciência disso e entregassem os documentos (...) podíamos fazer um trabalho melhor com os clientes.” (E3)

2.3. Discussão dos Resultados Obtidos

Os dados recolhidos através das entrevistas mostram que os contabilistas consideram que os empresários de PME têm uma reduzida literacia financeira, o que afeta negativamente o desempenho da empresa. Desta forma, a evidência empírica recolhida reforça o que é defendido por Roslan et al. (2018) e por Fauziyah et al. (2022). Também vai de encontro a Sudarmoyo e Tahir (2021), que indicam que um nível de literacia financeira elevado do empresário PME melhora a gestão financeira das empresas e com Mitchell (2022) e Carraher e Auken (2013) quando defendem que lhes dá uma maior capacidade para tomar decisões.

Os entrevistados identificaram as principais carências de conhecimentos financeiros que os empresários possuem. Eles são da opinião que os empresários de PME têm dificuldades sobretudo em assuntos relacionados com impostos, principalmente em relação ao IVA e ao IRC, e na análise e interpretação das Demonstrações Financeiras, o que vai de encontro aos resultados apresentados pelo CNSFMEM (2022). No entanto, enquanto no inquérito realizado pelo CNSFMEM (2022), 69,2% dos empresários apresentavam dificuldade em assuntos relacionados com contabilidade e 47,7% apresentavam dificuldades em assuntos relacionados com impostos, no nosso estudo são mais os entrevistados a considerarem que os empresários têm falta de conhecimentos sobre impostos do que aqueles que consideram sobre contabilidade.

Os entrevistados apresentaram outras carências de conhecimento, tais como, na definição de preços e de margens, a determinação do prazo para recuperar um investimento, a língua portuguesa, a informática/o digital, a gestão de tesouraria, o conceito de Fundo de Maneio. Esta evidência empírica contrasta com a recolhida por CNSFMEM (2022), na medida que este inquérito identificou outros assuntos para os quais os empresários necessitam de apoio, nomeadamente no que concerne à gestão de tesouraria e das necessidades de liquidez, à avaliação do desempenho financeiro da empresa, ao acesso a financiamento externo e à avaliação da exposição da empresa ao risco. Assim sendo, os resultados obtidos neste estudo alargam o leque de carência de conhecimentos realçados por CNSFMEM (2022).

Balasubramnian e Sargent (2020) indicam que pior do que os empresários de PME não terem literacia financeira é pensarem que têm e, tomarem decisões tendo por base um conhecimento que acham que dominam, ou seja, sofrerem de ilusão de conhecimento. A grande maioria dos entrevistados confirma que os empresários de PME têm alguma ilusão de conhecimento, sustentando a sua opinião em exemplos pelos quais já passaram ao longo da sua carreira profissional, reforçando o argumento de Balasubramnian e Sargent (2020). Apenas dois participantes referem não ter a perceção de que exista ilusão de conhecimento. Apesar disso, consideram que os seus clientes têm capacidade para reconhecer aquilo que não dominam e para questionar um especialista, no sentido de os informar e ajudar a tomarem as melhores decisões, gerindo melhor a empresa. E, por isso, reforçam o argumento de Balasubramnian e Sargent (2020), na medida que os autores

defendem que quem tem consciência daquilo que não sabe tem mais capacidade para gerir uma empresa do que quem acha que sabe tudo. Também recolhemos evidência que sustenta o argumento de Agyapong e Attram (2019), de que um gerente com reduzida literacia financeira pessoal tem pior gestão empresarial.

Diversos autores defendem que conhecimentos devem ter os empresários para serem capazes de gerir bem a PME. A evidência empírica recolhida reforça a capacidade de interpretar as Demonstrações Financeiras (Carragher e Auker, 2013), necessidade de separar a conta bancária pessoal da empresarial e distinguir receita de lucro líquido e perceber em que situações devem recorrer a créditos (Roslan et al., 2018). Também encontramos evidência empírica da necessidade de conhecimentos relacionados com os juros, ativos, passivos, receitas, despesas, gestão de caixa e dívida, risco, contratos de *leasing*, empréstimos bancários, impostos, gastos, rendimentos e Balanço (Ashinka e Singla, 2022). No entanto, e ao contrário da revisão de literatura efetuada, alguns entrevistados defendem que é necessário que o empresário tenha mais abertura para ouvir e delegar os assuntos de que não sabe a um especialista, e perceber da atividade que vai desenvolver.

Na literatura encontramos referência que os empresários pedem apoio sobretudo aos contabilistas externos para os auxiliarem na tomada de decisões financeiras, mas que também recorrem a intermediários financeiros, familiares ou amigos, parceiros de negócios, consultores financeiros externos, organismos ou instituições públicas (CNSFMEM, 2022). Deste modo, neste estudo constata-se que os participantes têm uma opinião semelhante aos dados recolhidos pelo CNSFMEM (2022), na medida que indicam que os empresários recorrem sobretudo aos contabilistas e, por vezes, a bancários ou amigos. Apenas um dos entrevistados referiu que os empresários mais jovens recorrem essencialmente à *Internet*, o que adiciona às conclusões apresentadas pelo CNSFMEM (2022).

No decorrer das entrevistas, e com alguma frequência, os entrevistados defendem que devia ser obrigatório ao empresário frequentar uma formação antes de iniciar uma PME. Apontam que a Ordem dos Contabilistas Certificados e as Associações Empresariais poderiam desempenhar um papel relevante neste campo, além de outras organizações públicas. Esta evidência empírica reforça o argumento apresentado por Ali e Li (2022), de que os empresários deviam ter formação sobre noções básicas de contabilidade e que deviam ser os governos e os agentes financeiros a fornecer essa formação.

IFAC (2016) considera que os contabilistas podem contribuir para o aumento do nível de literacia financeira dos empresários de PME de várias formas: ao elaborarem melhores relatórios financeiros, explicarem o que são as Demonstrações Financeiras, dar formação sobre as melhores práticas, ao elaborarem planos de negócios e ajudar no processo de financiamento, para melhorar a compreensão e a consciencialização financeira daqueles. Além disso, ajudam a gerir a liquidez e a dívida, os stocks e os

créditos, e na definição de margens de rendibilidade e nos impostos (Singh, 2023). Os resultados deste estudo mostram que a maioria dos entrevistados considera que os contabilistas no seu todo, e eles próprios em particular, contribuem para que a literacia financeira dos empresários de PME aumente, ainda que, inconscientemente.

Singh (2023) considera também que se existir uma preocupação crescente com a literacia financeira por parte dos empresários, os contabilistas vão passar a tornar-se verdadeiros parceiros de negócios, tendo funções mais abrangentes e diferentes do mero registo contabilístico. E isso é reforçado pelos entrevistados, na medida que defendem uma mudança na mentalidade dos empresários de PME, de forma a tornar o seu trabalho mais simples e eficaz, evitando despende constantemente de tempo a esclarecer as mesmas dúvidas.

3. Considerações finais

A revisão de literatura mostra que os empresários de PME têm uma grande carência de conhecimentos financeiros, o que compromete a gestão da sua empresa, podendo o seu contabilista ajudar a colmatar esse problema. Este estudo contribui para a literatura ao fornecer evidência empírica que sustenta os argumentos encontrados na literatura, nomeadamente a necessidade de obterem conhecimentos na área da fiscalidade, Demonstrações Financeiras, mas também sobre a formação de preços, entre outros. O estudo também é útil para os reguladores, na medida que os participantes defendem que o Estado deveria exigir uma formação-base no sentido de aumentar a literacia financeira dos empresários de PME e, desta forma, contribuir para o desenvolvimento e sustentabilidade financeira das PME. O estudo alerta para a importância que as associações empresariais e a Ordem dos Contabilistas Certificados podem ter no desenvolvimento de cursos de literacia financeira, bem como o desenvolvimento de kits de boas práticas de gestão de PME. Ao nível dos gabinetes de contabilidade, a importância de diagnosticar o nível de literacia financeira dos seus clientes e, consequentemente, orientá-los no sentido de melhorar essa literacia.

Este estudo apresenta algumas limitações, sobretudo em relação ao método de recolha de dados utilizado. A diversidade de modelo de realização das entrevistas pode ter condicionado os resultados, na medida que quem respondeu por escrito teve mais tempo para pensar naquilo que ia responder, enquanto os outros entrevistados foram confrontados pela primeira vez com as perguntas no momento da entrevista. Além disso, a entrevista por telefone, presencialmente ou por videoconferência apresenta também as suas limitações quanto à disponibilidade do entrevistado em refletir e responder às questões. Face ao tema, e no âmbito da contabilidade, não conseguimos evitar eventual viés da desejabilidade social. A mudança do processo de amostragem pode também ter limitado o estudo, na medida em que a amostra se refletiu numa concentração regional que pode deter uma experiência diferente de outras regiões do país.

Como pistas de investigação futura sugere-se estudar o contributo dos contabilistas para a literacia financeira de outros clientes que não as PME, como os trabalhadores independentes; realizar o estudo na perspetiva dos empresários de PME, ou seja, avaliar de que forma, na perceção dos empresários, os seus contabilistas contribuem para o desenvolvimento dos seus conhecimentos de literacia financeira; estudar a literacia financeira dos empresários realizando um estudo tripartido, envolvendo empresários, contabilistas e a banca; desenvolver uma escala quantitativa de avaliação de literacia financeira de PME. Por último, também podem ser realizados estudos comparativos em termos de regiões geográficas e setores de atividade e, experimentos, nomeadamente avaliar o impacto de intervenções formativas na literacia financeira dos empresários.

Referências Bibliográficas

- Abebe, G., Tekle, B., & Mano, Y. (2018). Changing saving and investment behaviour: The impact of financial literacy training and reminders on micro-businesses. *Journal of African Economies*, 27(5), 587-611. <https://doi.org/10.1093/jae/ejy007>
- Agyapong, D., & Attram, A. B. (2019). Effect of owner-manager's financial literacy on the performance of SMEs in the Cape Coast Metropolis in Ghana. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 9(1), 67. <https://doi.org/10.1186/s40497-019-0191-1>
- Ali, H., & Li, Y. (2021). Financial literacy, network competency, and SMEs financial performance: the moderating role of market orientation. *The Journal of Asian Finance, Economics and Business*, 8(10), 341-352. <https://doi.org/10.13106/jafeb.2021.vol8.no10.0341>
- Anshika, A., & Singla, A. (2022). Financial literacy of entrepreneurs: a systematic review. *Managerial Finance*, 48(9/10), 1352-1371. DOI: 10.1108/MF-06-2021-0260
- Associação Portuguesa de Bancos (2016). *Educação Financeira*, Lisboa.
- Atkinson, A., & Messy, F. A. (2012). Measuring financial literacy: Results of the OECD/International Network on Financial Education (INFE) pilot study.
- Balasubramnian, B., & Sargent, C. S. (2020). Impact of inflated perceptions of financial literacy on financial decision making. *Journal of Economic Psychology*, 80, 102306. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2020.102306>.
- Basha, S. A., Bennisr, H., & Goaid, M. (2023). Financial literacy, financial development, and leverage of small firms. *International Review of Financial Analysis*, 86, 102510. <https://doi.org/10.1016/j.irfa.2023.102510>
- Batsaikhan, U., & Demertzis, M. (2018). *Financial literacy and inclusive growth in the European Union* (No. 2018/08). Bruegel Policy Contribution.
- Carey, P. J. (2015). External accountants' business advice and SME performance. *Pacific Accounting Review*, 27(2), 166-188. <https://doi.org/10.1108/PAR-04-2013-0020>
- Carraher, S., & Van Auken, H. (2013). The use of financial statements for decision making by small firms. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 26(3), 323-336. <https://doi.org/10.1080/08276331.2013.803676>
- Conselho Nacional de Supervisores Financeiros (2021) *Plano Nacional de Formação Financeira 2021-2025*, disponível em <https://clientebancario.bportugal.pt/pt-pt/publicacao/plano-nacional-de-formacao-financeira-2021-2025>.
- Conselho Nacional de Supervisores Financeiros e Ministério da Economia e do Mar [CNSFMEM] (2022) Relatório do 1º Inquérito sobre a Literacia Financeira de Empresários de Micro e Pequenas Empresas e os Desafios da Covid-19 em Portugal 2021, Lisboa.

- De Bruyckere, S., Verplancke, F., Everaert, P., Sarens, G., & Coppens, C. (2017). The role of external accountants as service providers for SMEs: a literature review. *Accountancy & Bedrijfskunde*, 4(49-62).
- De Bruyckere, S., Verplancke, F., Everaert, P., Sarens, G., & Coppens, C. (2020). The importance of mutual understanding between external accountants and owner-managers of SMEs. *Australian Accounting Review*, 30(1), 4-21. <https://doi.org/10.1111/auar.12251>
- Duarte, L. S. M. (2018). *A Literacia Financeira no Sistema Educativo Português* (Doctoral dissertation, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Portugal)).
- European Commission (2023). Monitoring the level of financial literacy in the EU – Report. DOI: 10.2874/956514
- Fauziyah, A., & Sulastri, S. (2022). Financial education for MSMEs: What is the best financial education delivery method?. *Linguistics and Culture Review*, 6(S1), 391-396. DOI: 10.21744/lingcure.v6nS1.2066
- García-Pérez-de-Lema, D., Ruiz-Palomo, D., & Diéguez-Soto, J. (2021). Analysing the roles of CEO's financial literacy and financial constraints on Spanish SMEs technological innovation. *Technology in Society*, 64, 101519. <https://doi.org/10.1016/j.techsoc.2020.101519>
- Graña-Alvarez, R., Lopez-Valeiras, E., Gonzalez-Loureiro, M., & Coronado, F. (2022). Financial literacy in SMEs: A systematic literature review and a framework for further inquiry. *Journal of Small Business Management*, 62(1), 331–380. <https://doi.org/10.1080/00472778.2022.2051176>
- Hasle, P., Bager, B., & Granerud, L. (2010). Small enterprises–Accountants as occupational health and safety intermediaries. *Safety Science*, 48(3), 404-409. DOI:10.1016/j.ssci.2009.09.008
- Huston, S. J. (2010). Measuring financial literacy. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 296-316. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01170.x>
- IFAC (2016). The role of SMPS in providing business support to SMES-Key Findings, Small and Medium Practices Committee, Surveys & Reports, disponível em <https://www.ifac.org/knowledge-gateway/small-and-medium-sized-practices-smeps/publications/role-smeps-providing-business-support-smes-new-evidence>
- Lin, A. C. (1998). Bridging positivist and interpretivist approaches to qualitative methods. *Policy Studies Journal*, 26(1), 162-180. <https://doi.org/10.1111/j.1541-0072.1998.tb01931.x>
- Lusardi, A. (2008). *Financial literacy: an essential tool for informed consumer choice?* (No. w14084). National Bureau of Economic Research.

- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2011). *Financial literacy and planning: Implications for retirement wellbeing* (No. w17078). National Bureau of Economic Research.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *Journal of Economic Literature*, 52(1), 5-44. DOI: 10.1257/jel.52.1.5
- Lusardi, A., & Tufano, P. (2015). Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. *Journal of Pension Economics & Finance*, 14(4), 332-368. DOI:10.1017/S1474747215000232
- Lusimbo, E. N. (2016). *Relationship between financial literacy and the growth of micro and small enterprises in Kenya: A case of Kakamega Central sub-county* (Doctoral dissertation, cohred, JKUAT)
- Messy, F. & Monticone, C. (2016), "Financial education policies in Asia and the Pacific", in OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, n.º 40.
- Mitchell, F. (2022). Ten things about accountants and accounting that are good!. *Journal of Pragmatic Constructivism*, 12(1), 121-124.
- Molina-García, A., Dieguez-Soto, J., Galache-Laza, M. T., & Campos-Valenzuela, M. (2023). Financial literacy in SMEs: a bibliometric analysis and a systematic literature review of an emerging research field. *Review of Managerial Science*, 17(3), 787-826. <https://doi.org/10.1007/s11846-022-00556-2>
- Muñoz-Murillo, M., Álvarez-Franco, P. B., & Restrepo-Tobón, D. A. (2020). The role of cognitive abilities on financial literacy: New experimental evidence. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 84, 101482. <https://doi.org/10.1016/j.socec.2019.101482>
- Nichita, A., Batrancea, L., Marcel Pop, C., Batrancea, I., Morar, I. D., Masca, E., ... & da Silva, A. A. (2019). We learn not for school but for life: Empirical evidence of the impact of tax literacy on tax compliance. *Eastern European Economics*, 57(5), 397-429. <https://doi.org/10.1080/00128775.2019.1621183>
- Nitani, M., Riding, A., & Orser, B. (2020). Self-employment, gender, financial knowledge, and high-cost borrowing. *Journal of Small Business Management*, 58(4), 669-706. <https://doi.org/10.1080/00472778.2019.1659685>
- OCDE (2018). OECD/INFE Core Competencies Framework on Financial Literacy for MSMEs. Disponível em <https://www.oecd.org/finance/financial-education/OECD-INFE-core-competencies-framework-on-financial-literacy-for-MSMEs.pdf>.
- Patton, M. Q. (2014). *Qualitative research & evaluation methods: Integrating theory and practice*. Sage publications.

- Riepe, J., Rudeloff, M., & Veer, T. (2022). Financial literacy and entrepreneurial risk aversion. *Journal of Small Business Management*, 60(2), 289-308. <https://doi.org/10.1080/00472778.2019.1709380>
- Roslan, N., Pauzi, N. F. M., Ahmad, K., Shamsudin, A., Karim, M. S., & Ibrahim, S. N. S. (2018). Preliminary investigation: Accounting literacy among small business owners. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 8(10), 32-47. DOI: 10.6007/IJARBS/v8-i10/4709
- Samsuri, A., Ismiyanti, F., & Narsa, I. M. (2019). Effects of risk tolerance and financial literacy to investment intentions. *International Journal of Innovation, Creativity and Change*, 10(9), 40-54.
- Saunders, M., Lewis, P., & Thornhill, A. (2009). *Research methods for business students*. Pearson Education.
- Singh, H. (2023). Financial Literacy for SMEs: A Lifeline to the Lifeblood of the Global Economy. IFAC. Disponível em <https://www.ifac.org/knowledge-gateway/contributing-global-economy/discussion/financial-literacy-smes-lifeline-lifeblood-global-economy>, acedido em 5 de setembro de 2023
- Sudarmoyo, N. F., & Tahir, P. R. (2021). Impact of financial literacy among small medium enterprise owners on enterprise performance: a conceptual framework development. *International Journal of Accounting, Finance and Business*, 6(34).
- Trombetta, M. (2023). Accounting and finance literacy and entrepreneurship: An exploratory study. *Journal of Accounting and Public Policy*, 42(2), 107078. <https://doi.org/10.1016/j.jaccpubpol.2023.107078>
- Tuffour, J. K., Amoako, A. A., & Amartey, E. O. (2022). Assessing the effect of financial literacy among managers on the performance of small-scale enterprises. *Global Business Review*, 23(5), 1200-1217. <https://doi.org/10.1177/0972150919899753>
- UNESCO (2005). *Aspects of Literacy Assessment: Topics and issues from the UNESCO Expert Meeting*, <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001401/140125eo.pdf>
- Vieira, R., Major, M. J., & Robalo, R. (2009). *Contabilidade e controlo de gestão: teoria, metodologia e prática*, Escolar Editora.

How to cite this article:

Caldas, A. R., & Brás, F. A. (2025). Os Contabilistas como Agentes de Literacia Financeira dos Empresários de PME. *Portuguese Journal of Finance, Management and Accounting*, 11 (22), 29 - 59. Disponível em <http://u3isjournal.isvouga.pt/index.php/PJFMA>. DOI: <https://doi.org/10.54663/2183-3826.2025.v11.n22.29-59>